

PARA QUE NÃO FIQUEM “NA MESMA IGNORANCIA, EM QUE NASCERÃO”: ORDENAMENTOS PARA A ROTINA DE UM MENINO CRISTÃO EM UM MANUAL PEDAGÓGICO PUBLICADO EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII

FERNANDO RIPE¹; GIANA LANGE DO AMARAL²

¹*Universidade Federal de Pelotas – fernandoripe@yahoo.com.br*

²*Universidade Federal de Pelotas – gianalangedoamaral@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que estamos apresentando compõe parte do tema de investigação do projeto de doutoramento, intitulado *A constituição do sujeito infantil moderno através da cultura impressa portuguesa do século XVIII*, que vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPel), na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação.

Tal interesse se justifica pelo fato de que desde os finais do século XVII, e muito especialmente no século XVIII, um elevado número de autores contribuíram com reflexões relacionadas aos comportamentos sociais e morais infantis, sobretudo direcionados à nobreza e aos grupos mais próximos da aristocracia. Tratavam-se, em sua maioria, de impressos pedagógicos, de bom comportamento e de virtudes, geralmente baseados na moral cristã-católica ocidental.

Ainda que no período moderno, o domínio da cultura escrita fosse limitado em Portugal, e principalmente, na América portuguesa, a difusão da escrita e da imprensa, possibilitou a propagação discursiva de uma série de preceitos reguladores da vivência social. Nesse sentido que o processo de educação luso-brasileiro passou a ser firmado como um eficiente meio de divulgação e instrução das boas maneiras, da polidez, da cortesia, entre outros modelos que conduziriam os sujeitos infantis a um específico e desejado tipo de comportamento social. Tal processo educativo materializava-se através de textos que codificavam as modificações nos pensamentos e nas condutas de um privado moderno. A centralidade da formação católica, requisito para a educação moral, fazia com que o ensino da doutrina cristã fosse transformado em disciplina escolar, com o uso de compêndios religiosos e de catecismos.

Sendo assim, temos nos debruçado na análise das estratégias e dos discursos orientadores de certas práticas educativas para a rotina de meninos cristãos que enfatizavam a normatização das condutas e dos processos de civilidade esperados destes sujeitos infantis. Nesta pesquisa estamos nos subsidiando dos enunciados prescritos na obra *Escola Nova, Christã, e Politica, Na qual se ensinão os primeiros rudimentos, que deve saber o Menino Christão, e se lhes dão regras para com facilidade, e em pouco tempo aprender a ler, escrever e contar*. Publicado em Portugal inicialmente no ano de 1756 o impresso de autoria de Francisco Luiz Ameno (1713-1793) foi registrado pelo pseudônimo de D. Leonor Thomasia de Sousa e Silva e teve uma de suas reedições publicada na Bahia no ano de 1813.

2. METODOLOGIA

A investigação, que aqui se apresenta, se insere nos aportes teórico-metodológicos que se fundamentam na História da Educação a partir da filosofia

de Michel Foucault (1987, 1995, 2001, 2007) ao propor a análise dos discursos morais, presentes na específica obra atentando para as noções de normatização e sobre os modos de constituição do sujeito infantil na modernidade (REZENDE, 2015). Para a análise das estratégias e dos discursos sobre as práticas recomendadas para o cotidiano de um menino cristão identificamos, através de um empreendimento analítico-descritivo sobre a obra *Escola Nova, Christã, e Política*, uma série de enunciados que instituíam a normatização das regras de higiene e das condutas à mesa, o domínio do corpo e a moderação dos gestos, os modos de conversar e brincar, as incessantes ritualísticas religiosas, a promoção da vergonha e a inibição do corpo, como formas de controle e coerção capazes de contribuir na promoção de máximas morais e nos comportamentos sociais desejáveis.

Vale lembrar que a propagação destes impressos, como a obra aqui apresentada, foi ideal para divulgar regras de condutas e de etiquetas, mas também possibilitaram a condução dos leitores a um determinado tipo de comportamento ético e moral que valorizava tanto as relações sociais como a doutrinação cristã. Para a elaboração do levantamento destes enunciados contamos com uma versão digital da publicação, editada na oficina tipográfica de Manoel Antonio da Silva Serva na Bahia no ano de 1813, que se encontra no acervo virtual da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o século XVIII a sociedade europeia ansiava pela normatização das regras de higiene e alimentação, de modo que tais enunciados foram objetos de recorrente atenção e preocupação nos manuais e tratados de civilidade. De acordo com Norbert Elias (1993, p. 111) os meios clericais foram fundamentais na incorporação destes ditames no comportamento da corte, ao observar que “a civilidade ganha um novo alicerce religioso e cristão”. Fiel ao enunciado no título da obra, Francisco Ameno iniciou seu primeiro capítulo, dedicado à doutrina religiosa, denominando-o por *Instrucção Christã*. Através de orações e apreços a Cristo e à Santa Igreja Católica Romana, direcionava o ensino do ritual litúrgico aos meninos para que pudessem compreender o “modo de ajudar à Missa”. Em seguida, o autor apresenta um capítulo dedicado à *Instrucção Política*. A enunciação “instrução política”, realizada por Ameno, é um dispositivo que atua sobre o gerenciamento das crianças, regulando suas condutas e direcionando seus comportamentos. Foi com base nesse modelo de educação, que Francisco Ameno constituiu a sua narrativa, dedicando um capítulo exclusivo para a rotina do menino cristão. Trata-se de um compêndio de civilidade que prescrevia como o menino deveria passar o dia tendo a formação católica como foco central. Como afirma Jacques Revel (2009, p. 176),

A aprendizagem da civilidade [...] permite disciplinar as almas por meio da coerção exercida sobre os corpos e impor à coletividade das crianças uma mesma norma de comportamento sociável, e tem a vantagem de permitir que a criança exerça sobre si mesma constante controle de seu tempo, de suas ocupações e de suas atitudes. São regras que de manhã à noite, devem reger não só o exercício religioso e o trabalho escolar como o conjunto dos comportamentos cotidianos das crianças.

A rotina descrita por Ameno deve iniciar “logo que o Menino Christão acordar pela manhã, persigne-se com muita devoção, e levantando os olhos da Alma a Deos, dê-lhe infinitas graças”. Acabadas estas orações segue-se a higiene:

“lavará as mãos, e o rosto, penteará o cabelo, e irá tomar a benção a seus Pais, ou Mestre, aos quais com grande submissão dará os bons dias”. Francisco Ameno relata como um menino deveria se portar “Se o chamarem para almoçar”. Dever-se-ia agir “com muita modestia, sem dar mostras de seu appetite, e procure que o almoço seja tal que lhe não offusque as potencias: pois sendo moderado, ficará habil para applicar-se a qualquer Arte liberal” (AMENO, 1813, p. 39-40).

A polidez, a cortesia e o refinamento na prática da alimentação foram amplamente associados aos hábitos de uma sociedade que buscava incorporar modelos de comportamento nobres. Nesse sentido, a prática da alimentação tornou-se uma ritualística minuciosamente regrada. Todavia, estas práticas não estavam desassociadas do pensamento e das virtudes cristãs, assim, a alimentação além de ter finalidade utilitária, também estava pautada de uma série de atividades virtuosas (humildade, caridade, generosidade, benevolência, simplicidade, etc.) e de atos moralmente bons.

As atividades habituais de um menino cristão foram descritas na narrativa de Francisco Ameno a partir de uma minuciosa ritualística. Tudo era meticoloso e ordenado, devendo ser as posturas, os gestos e as saudações muito discretos. A valorização destes “bons” comportamentos por meio de certas estratégias de regulação induziam a criança a comportar-se como se houvesse um permanente olhar sobre ela – dos pais, dos religiosos, dos mestres, ou mesmo, na ausência destes, o olhar divino. Da mesma forma que o controle do corpo, nos espaços privados e de sociabilidades, deveria ser moderado por gestos contidos, nos espaços públicos e sociais, “Indo pela rua, seja com passos meí commedidos, e iguaes; pois o andar correndo, ou acceleradamente, denota juízo muito diminuto”. Neste caso o menino que não tivesse atitudes comedidas e controle do corpo poderia ser visto como desajustado, insano, louco, pois “No mover dos olhos seja modesto, não espalhando a vista a huma, nem a outra parte; porque a ligeireza nos olhos denota pouco assento na cabeça” (AMENO, 1813, p. 41).

O final da rotina prescrita foi marcado por um rito religioso para o momento que menino cristão fosse dormir:

Entrando na cama, presigne-se, benza-se, e faça hum Acto de contrição: diga a Confissão com esperança de seguir, que Deos lhe perdoe as suas culpas, e reze hum Padre Noso, e huma Ave Maria ao Anjo da sua guarda, outro Padre Noso, e outra Ave Maria ao santo do seu Nome, pedindo-lhes o livrem de todo o mal; e huma Salve Rainha á Virgem Nossa Senhora, a quem pedirá lhe dê pureza no corpo, e Alma (AMENO, 1813, p. 56-57).

4. CONCLUSÕES

O conjunto dos excertos, presentes na obra *Escola Nova, Christã, e Politica*, evidenciaram a possibilidade de se compreender o processo de constituição do sujeito infantil narrado por Francisco Ameno a partir de um discurso religioso do século XVIII, através de três aspectos: o primeiro instituiu uma educação estritamente calcada nos preceitos morais cristão-católicos. Nesse sentido, o menino estaria espiritualmente amparado desde “Quando sahir de caza, arme-te com o signal da Cruz” (AMENO, 1813, p. 41). Garantido-lhe o pleno domínio das tribulações da alma, pois foi-lhe conformado os hábitos da bondade, retidão, modéstia, e afastando-lhe, através das constantes interdições sofridas, todas transgressões como os vícios, intemperanças, desonestidade, em suma as perdições que a vida em pecado poderia lhe assombrar; o segundo, parece revelar o domínio do seu corpo. Guiado por um conjunto de normativas e regras

que fizeram com que o menino tivesse hábitos de higiene, condutas apreciáveis à mesa, gestos moderados e controlados, modos apurados para conversar e brincar, cuidadosamente limpo e vestido, sentimentos regulados e de pudor; terceiro, que conjuga suas relações sociais e familiares. Ao cultivar a obediência e submissão aos pais, aos mais “doutos” e aos sacerdotes, o menino ao interagir, seja no âmbito público ou privado, deveria ser cortês, polido, cordial e refinado, de modo apresentar aparência social urbana e civilizada (AMARAL; RIPE, 2017).

Nesta perspectiva de análise da constituição moral do sujeito infantil e utilizando a noção foucaultiana de dispositivo e disciplinamento, encontramos subsídios que possibilitaram evidenciar a infância como sendo uma fabricação discursiva da modernidade. Onde, este discurso, que engendrou relações de poderes e saberes religiosos instituiu específicas formas de ser sujeito infantil masculino, cristão, nos espaços luso-brasileiros nos séculos XVIII e XIX. O uso de dispositivos e mecanismos de regulação foram ferramentas eficientes para o controle e cerceamento do tempo e espaço, promovendo a docilidade e eficiência do menino cristão.

A partir da análise que empreendemos, extraíndo passagens selecionadas da obra, foi possível demonstrar os discursos considerados de “bom comportamento” e de “boa educação” – direcionados à criação das crianças, possibilitando que rompessem com a “ignorância, em que nasceraõ” – para um contexto político, histórico e espacial específico.

Por fim, cabe destacar que a análise da obra escrita por Francisco Ameno, mostrou-se importante para a apreciação das práticas educativas, entendidas como práticas culturais e sociais – não exclusivamente institucionalizadas no âmbito escolar – que tiveram primazia durante a expansão das práticas de leitura e escrita, no século XVIII, para estabelecer um conjunto de regras morais e da prescrição de condutas modelares que visavam a constituição do sujeito infantil.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, G. L.; RIPE, Fernando. “Quando sahir de caza, arme-te com o signal da cruz”: instruções para a rotina de um menino cristão em um manual pedagógico português do Século XVIII. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 59, p. 228-260, 2017.
- AMENO, Francisco Luís. **Escola Nova, Christã, e Politica**. Bahia: Typog. de Manoel Antonio da Silva Serva, 1813 [1756].
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes (vol.1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. P. 231-259.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: Vontade de Saber. Trad. Maria T. Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- REVEL, J. As práticas de civilidade. In: ARIÉS, Philippe. DUBY, Georges, D. **História da vida privada**: Do Renascimento ao Século das Luzes, V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RESENDE, Haroldo de. (Org.) **Michel Foucault**: o governo da infância. (Coleção Estudos Foucaultianos). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.